

MARCOS SÁ CORRÊA

blog: marcossacorrea.com.br



Falta cabeça à conservação

Preparamos motosserras. Vem aí o mapa-múndi das florestas, lembrando que as árvores mais altas da Terra estão espetadas na Costa Oeste dos EUA e no Sudeste Asiático. As da Amazônia mal batem no peito dessas gigantes. Não é bem esse o planeta que o governo brasileiro desenha quando descreve para a opinião pública o estado da Terra. Nos outros países nem existem mais árvores, não é mesmo? Pena que o mapa seja o tipo da informação que passa de fininho pelo noticiário, enterra-se nos anais acadêmi-

cos e lá desaparece. Aí, ligam-se as motosserras.

O que mais poderia fazer com essa informação quem vive num tempo em que a ciência empurra sem parar a natureza para além do senso comum? Onde havia monstros, prodígios e portentos demarcando os limites do mundo conhecido na cartografia medieval, agora há biomas, efeitos antrópicos e aquecimento global disputando espaço com velhas lendas.

E não será só com notícia ligeira que se pisa em terra incógnita. Falta munição em português para desbravá-la, por-

que os livros nos quais os naturalistas aprenderam a traduzir para leigos os segredos da realidade saem, geralmente, em inglês. E em inglês permanecem. Só em inglês dá para ler de enfiada e com prazer a história da complicação em que se meteu o biólogo Bernd Heinrich, comprando no Estado do Maine, em 1977, para cultivar uma floresta, terras que fazendas antigas e madeiras recentes haviam deixado no osso.

Restaurá-la só com salário de professor era, de cara, um projeto falido. Heinrich decidiu reflorestar a propriedade com o dinheiro e a técnica da explora-

ção comercial de madeira. Tiradas num intervalo de três décadas, fotos aéreas do terreno comprovam que ele acertou a mão. Porque essa mão teve cabeça para fazer em cada metro quadrado de suas colinas um considerável investimento de curiosidade e pesquisa. O trabalho lhe rendeu, fora o prazer de morar numa clareira onde hoje alces e ursos vêm comer maçãs, dúzias de livros cotados pela crítica como obras-primas da divulgação científica. E alguns sucessos de livraria.

Como autor, Heinrich pode ser tudo, menos sedentário. Costuma zanzar por suas matas a qualquer hora do dia e da noite, como se estivesse em casa. Controla a cada estação a chegada e a partida dos pássaros, anfíbios e insetos. Sobe em pinheiros com lápis e papel na mão, para rascunhar, lá do último galho, vistas panorâmicas que acompanham a evolução da paisagem. Aponta, pessoalmente, as árvores condenadas às serrarias, para que outras retomem o território que originalmente lhes cabia.

Sua floresta se tornou um modelo vivo de ciência aplicada à conservação. Ele costuma usá-la em aulas de campo. E suas aulas soam convincentes, porque anos atrás um ex-aluno desengana-

do lhe pediu para deixar seu corpo apodrecer ao relento na mata (o que Heinrich recusou), acreditando que assim chegaria diretamente à única vida após a morte que se pode conferir molécula por molécula.

Não há assunto obscuro e abstrato que Heinrich não torne claro e concreto em duas ou três páginas. A conversa fiada sobre sequestro de carbono, por exemplo. Ela paira no ar há tanto tempo que parece incapaz de pegar na terra. Heinrich a materializa num galho que cresce diante de sua janela, absorvendo por segundo em cada célula 4,6 milhões de moléculas de dióxido de carbono, possivelmente expelidos por "um tronco em decomposição na Amazônia, um carro nas avenidas de Los Angeles, uma usina a carvão no Utah, um pássaro na Indonésia e um babuíno na Tanzânia".

Portanto, "cada célula de madeira em cada árvore" de sua propriedade é um permanente "dá-e-toma com o resto do mundo". Dito assim, parece simples, não? Pois é o mesmo cálculo que o tal mapa-múndi da massa florestal pretende converter à escala planetária. Para que ninguém mais possa dizer que não tem nada a ver com isso.

Cidade no Rio vira alvo de caçador de meteorito

Queda de rocha extraterrestre em Varre-Sai há cerca de um mês gera interesse de cientistas e de pessoas que querem lucrar com a descoberta

Clarissa Thomé / RIO

A pequena cidade de Varre-Sai, a 375 quilômetros do Rio, tornou-se destino de um tipo diferente de turistas – os caçadores de meteoritos.

Eles estão à procura de fragmentos de um objeto que caiu no município há um mês. Há duas semanas, um casal de bolivianos foi preso, no Aeroporto

Internacional do Rio de Janeiro, com três pedaços do meteorito. O prefeito Everardo Ferreira (PP) oferece bicicletas de recompensa aos estudantes que recuperarem partes da pedra.

"Queremos incentivar os alunos para que estudem a região, vivenciem esse achado tão importante para a cidade. Queremos também que o meteorito fique em Varre-Sai", afirmou Fer-

reira, que pretende criar um museu astronômico como forma de fomentar o turismo na região.

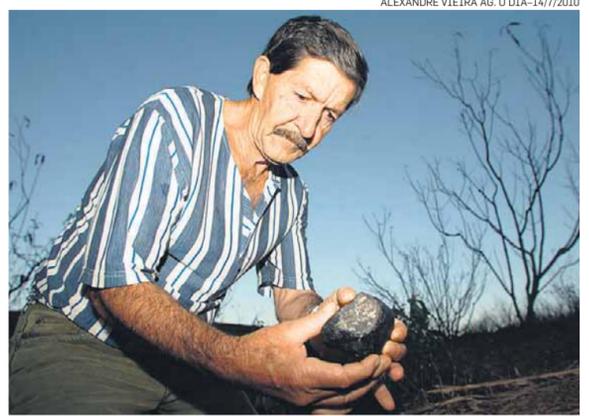
Varre-Sai entrou para a rota do comércio de meteoritos na noite de 19 de junho, quando o agricultor Germano da Silva Oliveira, de 62 anos, viu um rastro vermelho no céu e uma explosão. No dia seguinte, ele caminhou até um campo de plantação de mandioca e encontrou

uma pedra acinzentada, com 600 gramas e 12 centímetros.

Levou para professores de uma escola municipal. Deu sorte. A professora Filomena Ridolphi, cadastrada na Olimpíada Brasileira de Astronomia, reconheceu a relevância do material.

O físico Marcelo de Oliveira Souza, professor da Universidade Estadual do Norte Fluminense e coordenador do Clube de Astronomia Louis Cruls, explica que há poucos registros de quedas de meteorito.

"O resgate é mais raro ainda. Os relatos de Oliveira são importantíssimos para entendermos a trajetória, como chegou à atmosfera. Cada meteorito pode trazer informações novas sobre a formação do Sistema Solar. Ficou milhões de anos vagando pelo universo", afirma. O último registro de meteoro a cair no Rio com posterior resgate é de 1869.



ALEXANDRE VIEIRA AG. O DIA-14/7/2010

Achado. O agricultor Germano Oliveira segura meteorito

Souza e um grupo de pesquisadores também vasculharam a região, mas nada encontraram. Estimase que haja um pedaço gigante, de cerca de 20 quilos. "Há um comércio mundial de meteoro-

Alguns têm interesses científicos, outros compram apenas para especular", diz ele. Uma rocha como a que Oliveira encontrou valerá até R\$ 18 mil e a rocha de 20 quilos, R\$ 1 milhão.

Com duas linhas você se comunica melhor com seu grande ídolo.

DVINI TV
Celular 2 chips
GSM quadriband

www.navcity.com.br

Dia dos Pais dê um Navcity de 2 chips com TV.

- Ele se comunica aproveitando as boas promoções de duas operadoras diferentes.
- Assiste a seus programas favoritos na televisão em qualquer hora e lugar.
- Faz fotos, filma, escuta músicas e ouve notícias no excelente FM.

AMERICANAS.COM • ARAÚJO MAIA • BUY PHONE • C&A • DIEMENTZ • HERMES • MAGAZINELUIZA.COM • NAVGPS.COM.BR
PONTOPRIO.COM • RICARDOELETRON.COM • ELO • RM INFORMÁTICA • SARAIVA.COM • SELFSHOP CELULARES • WALMART.COM



MARCOS DE PAULA/AE-14/6/2010

Estudo. Isabel Teixeira-Santos com duas amostras

Pré-histórico usava planta contra verme

Estudo da Fundação Oswaldo Cruz avaliou fezes fossilizadas encontradas no Piauí e no Arizona (EUA)

RIO

O ser humano usava plantas medicinais para combater verminoses há 8,5 mil, indica uma pesquisa do Departamento de Paleoparasitologia da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz. O estudo encontrou vestígios de plantas que têm efeito anti-helmíntico em coprólitos – fezes fossilizadas.

A pesquisadora Isabel Teixeira-Santos chegou à conclusão ao analisar amostras encontradas no Piauí e no Arizona (EUA). "A gente tenta traçar o perfil paleoepidemiológico de grupos humanos pré-históricos. O ambiente era muito diferente. Tentamos entender que meios tinham para combater doenças. Isso é importante para entender a evolução humana", afirma a bióloga, que analisou o tema em sua tese de mestrado.

As amostras eram de períodos diferentes. As do Arizona têm

até 4 mil anos; as do Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí, 8,5 mil.

Ela encontrou pólen e grânulo de amido de plantas da família das quenopodiáceas e das malváceas, que têm a propriedade de combater verminoses. "Esses grânulos são encontrados na raiz das plantas. O pólen está nas flores. Isso demonstra que eles comiam as partes da planta que fazem efeito", explica a bióloga.

"Não posso dizer que faziam isso de forma intencional, porque não há registros. Mas é provável que sim. Eles sentiam os sintomas e procuravam algum tipo de tratamento", afirma.

Nas amostras do Piauí também foram encontradas vestígios de polipodiáceas, família a que pertencem as samambaias. "Eles comiam as folhas. Alguns autores descrevem que essa folha provoca vômito e auxilia na remoção de helmintos (vermes)", diz Isabel.

A pesquisadora também conseguiu identificar a alimentação desses povos. No Arizona, a dieta era predominantemente milho e yuka, uma espécie de inhame. "Eram grupos que já tinham agricultura", afirma. No Piauí, havia até pinhão na base alimentação. /C.T.

SOCIEDADE

Estados não decidem sobre eutanásia de cães

Regras para eutanásia de cães com leishmaniose visceral não podem ser feitas por leis estaduais, diz a Advocacia-Geral da União. A AGU sustenta que Estados podem complementar diretrizes gerais sobre saúde estabelecidas pela União, mas não contrariá-las. O documento foi usado para o governo paulista vetar um projeto de lei que previa a possibilidade de donos de cães com a doença exigirem contraprova custeada pelo governo antes da eutanásia.

RIO



Estoque de sangue do Inca está baixo

O Instituto Nacional de Câncer enfrenta baixa no estoque de sangue. Para doar, basta comparecer ao banco de sangue do Inca, que funciona de segunda a sexta, de 7h30 às 14h30, e aos sábados, de 8 às 12 horas, na Praça da Cruz Vermelha, 23, 2.º andar, no Rio.

RELIGIÃO

Papa expulsa padre que abusou de adolescente

O papa Bento XVI expulsou do clero um padre americano que abusou sexualmente de um adolescente nos anos 1970. O padre Thomas Crum, da diocese de Youngstown, em Ohio, reconheceu sua culpa no ano passado, mas não foi processado porque o caso havia prescrito. /AFP

CORREÇÃO

Diferentemente do que foi publicado na edição de ontem, o medicamento Avastin, da Roche, tem autorização para uso contra o câncer de mama no Brasil. A eficácia da droga, porém, tem sido questionada nos EUA.